

Chil, o Milhafre, desafia a noite
Que Mang, o Morcego, traz.
Nos redis e nos currais alapam-se os animais
E nós, libertos, sonhamos em paz.
É chegada a hora do orgulho e da glória,
Unha, dente e garra afiada.
Já se ouve o brado: Quem cumprir a Lei da Selva
Tenha uma boa caçada!

Canção Noturna da Selva



Eram sete horas de um entardecer muito cálido, nas colinas de Seoni. O Pai Lobo acordou da sesta diária, coçou-se, bocejou e esticou as patas, uma após outra, para se libertar da sensação de entorpecimento nas pontas dos dedos. A Mãe Loba estava deitada, com o narigão cinzento caído sobre os quatro filhotes que cabriolavam e guinchavam, com o luar a iluminar a entrada do covil onde a família vivia.

— Arrrg! — exclamou o Pai Lobo. — Está na altura de recomeçar a caçar.

Preparava-se para dar um salto e correr colina abaixo quando uma pequena sombra, de cauda farfalhuda, transpôs o limiar e guinchou:

— Que a boa sorte te acompanhe, Chefe dos Lobos. E que essa boa sorte e dentes fortes e brancos acompanhem os teus nobres filhos para que eles nunca esqueçam os esfaimados deste mundo.

Era o chacal Tabaqui, o lambedor-de-pratos, a quem os lobos da Índia desprezam porque passa o tempo a correr de um lado para o outro a fazer travessuras, a contar imposturas, e a comer trapos e pedaços de couro dos montes de lixo da aldeia. Mas também o temem, pois Tabaqui, mais do que qualquer outro habitante da selva, tem propensão para se enfurecer e, nessas alturas, esquece que alguma vez teve medo fosse de quem fosse, e corre pela floresta a ferrar o dente em tudo o que encontra pelo caminho. Até os tigres correm a esconder-se quando o pequeno Tabaqui se enfurece, pois a fúria é a coisa mais ignóbil que pode dominar um animal selvagem. Chamamos-lhe raiva, mas eles chamam-lhe *dewanee* — a loucura — e põem-se em fuga.

— Então entra lá — respondeu o Pai Lobo com severidade. — Mas olha que aqui não há comida.

— Para um lobo, não — ripostou Tabaqui —, mas para uma criatura miserável como eu um osso seco é um festim. Quem somos nós, os *gidur-log* [o povo dos chacais], para nos pormos com esquisitices?

Esgueirou-se até ao fundo do covil, onde encontrou um osso de gamo ainda com alguma carne agarrada, e sentou-se a roer-lhe a ponta todo satisfeito.

— Muitíssimo obrigado por este excelente repasto — agradeceu, lambendo os lábios. — Que lindos são os teus nobres filhos! Que olhos tão grandes que eles têm! E como são novinhos! Em boa verdade, devia ter-me lembrado de que os filhos de reis são homens desde que nascem.

Ora, Tabaqui sabia de sobra que não há nada tão infeliz como elogiar crianças na sua presença. E ficou contente por ver a Mãe Loba e o Pai Lobo constringidos.

Sentou-se, imóvel, a regozijar-se com a sua travessura e, em seguida, disse desdenhosamente:

— Shere Khan, o Grande, mudou de terreno de caça. Disse-me que na próxima Lua vem caçar para estas colinas.

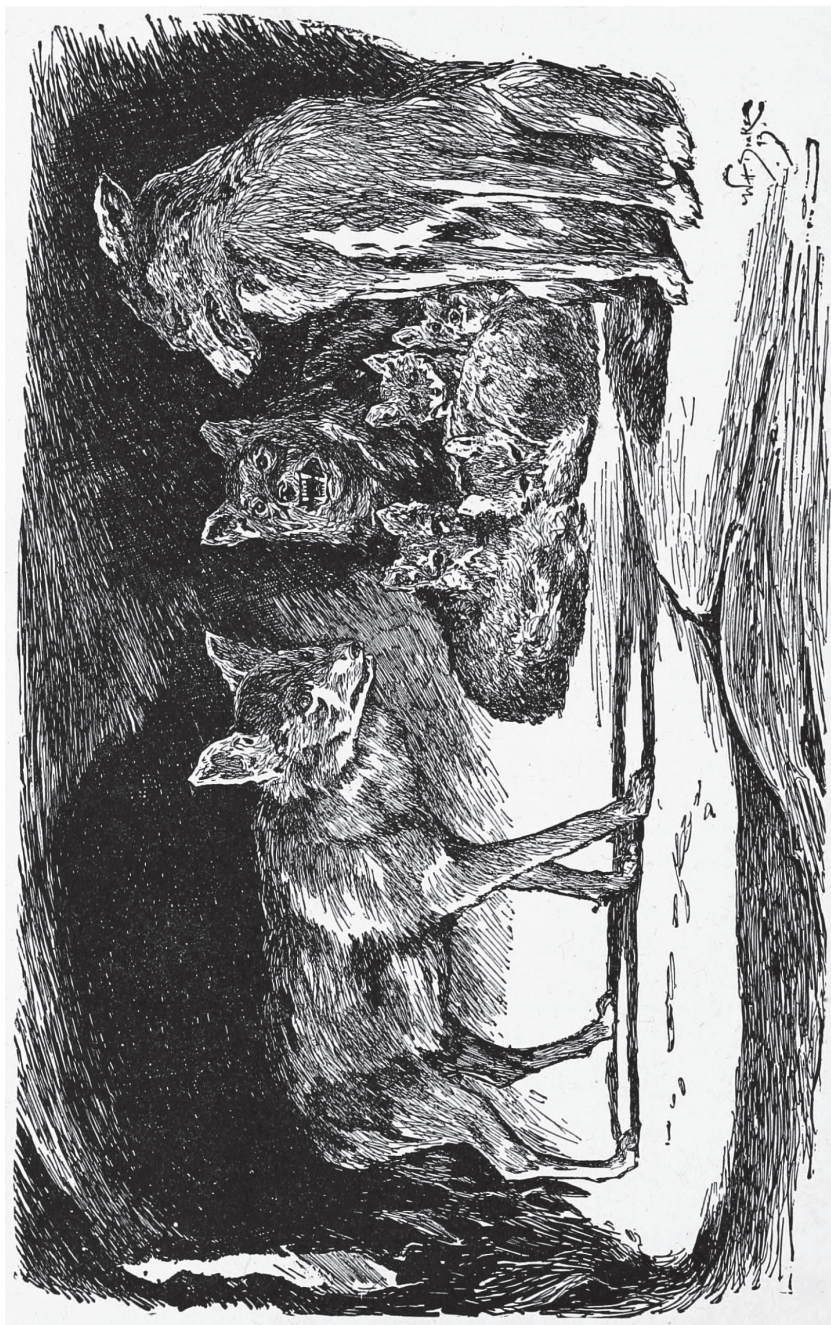
Shere Khan era o tigre que vivia perto do rio Waingunga, a trinta quilómetros.

— Ele não tem o direito de fazer isso! — ripostou o Pai Lobo, irado. — Segundo a Lei da Selva, ele não tem direito de mudar de território sem avisar. Vai espantar todas as peças de caça quinze quilómetros em redor, e eu... ultimamente, eu tenho de matar por dois.

— Não foi por acaso que a mãe dele lhe deu o nome de Lungri [o Coxo] — interveio a Mãe Loba num tom conciliador. — Coxeia de uma pata desde que nasceu. É por isso que só mata gado bovino. Agora os aldeãos da zona do Waingunga estão furiosos com ele, e veio para aqui enraivecer os *nossos* aldeãos. Vão fazer uma razia na selva quando o apanharem pelas costas e nós e os nossos filhos vamos ter de fugir quando deitarem fogo à erva. Vamos ficar muito agradecidos a Shere Khan!

— Querem que lhe transmita a vossa gratidão? — perguntou Tabaqui.

— Fora daqui! — ordenou o Pai Lobo com brusquidão. — Põe-te a mexer e vai caçar com o teu amo. Por hoje, já fizeste mal que chegue.



— Que a boa sorte te acompanhe, Chefe dos Lobos.

— Então vou andando — respondeu Tabaqui calmamente. — Já se ouviu Shere Khan lá em baixo no mato. Nem era preciso ter-me dado ao trabalho de vos transmitir a mensagem.

O Pai Lobo pôs-se de ouvido à escuta. No fundo do vale, que se estendia até um ribeiro, ouviu o queixume seco, irado, vociferante e monótono de um tigre que não caçara nada e não se importava que a selva inteira ficasse a saber.

— Que palerma! — exclamou o Pai Lobo. — Começar o trabalho noturno com aquela barulheira! Estará a pensar que os nossos gamos são como os bois anafados do Waingunga?

— Chiuu — disse a Mãe Loba. — Esta noite ele não anda à caça de bois nem de gamos, mas sim de homem.

A lamúria convertera-se numa espécie de ronronar sussurrante que parecia vir dos quatro pontos cardeais. Era o ruído que desorienta os lenhadores e os ciganos que dormem ao relento e que às vezes os faz fugir e precipitar-se nas garras do tigre.

— De homem! — exclamou o Pai Lobo, deixando à mostra todos os seus dentes brancos. — Pfff! Não haverá escaravelhos e rãs suficientes nos tanques para ele ter de comer homens? E ainda por cima no nosso território!

A Lei da Selva, que nada decreta sem uma razão, proíbe todos os animais de comerem homens, exceto quando ensinam os filhos a caçar e, neste caso, têm de o fazer fora dos terrenos de caça da sua alcateia ou tribo. Isto justifica-se pelo facto de que matar humanos implica, mais cedo ou mais tarde, a chegada de homens brancos montados em elefantes e armados, e de centenas de homens mais escuros com gongos, foguetes e archotes. E, nesse caso, todos os habitantes da floresta sofrem. O motivo que os animais invocam entre si é o de que o homem é o mais fraco e o mais indefeso de todos os seres vivos, não sendo por isso justo tocar-lhe. Também afirmam — e é verdade — que os comedores de homens apanham sarna e perdem os dentes.

O ronrom foi-se tornando mais sonoro até terminar no «Aaarg!» gutural dos tigres a investir.

Em seguida ouviu-se um uivo — não o uivo próprio de um tigre — soltado por Shere Khan.

— Ele falhou — disse a Mãe Loba. — O que se passa?

O Pai Lobo deu uma pequena corrida e ouviu Shere Khan a resmoenear e rezingar selvaticamente, aos tropeções pelo mato.

— O palerma não se lembrou de nada melhor do que de saltar para a fogueira de um lenhador, e queimou as patas — resmungou o Pai Lobo. — Tabaqui está com ele.

— Vem qualquer coisa a subir a colina — disse a Mãe Loba, de ouvido à escuta. — Prepara-te.

Ouviu-se uma restolhada nos arbustos e o Pai Lobo baixou-se apoiado nas patas traseiras, preparado para saltar. Depois, alguém que estivesse a observar teria visto a coisa mais maravilhosa do mundo — o lobo a parar a meio do salto. Dera impulso antes de perceber o que ia atacar, e em seguida tentara deter-se. O resultado foi subir disparado a uma altura de cerca de metro e meio e depois aterrar quase no ponto de partida.

— Um humano! — exclamou. — Uma cria de homem. Vejam!

Mesmo à sua frente, suspenso num ramo baixo, estava um bebé moreno e nu, que ainda mal sabia andar — a coisinha mais fofa e rechonchuda que já se vira no covil de um lobo à noite. Ergueu os olhos para o rosto do Pai Lobo a rir.

— Aquilo é uma cria de homem? — perguntou a Mãe Loba. — Nunca vi nenhuma. Trá-la cá.

Um lobo acostumado a andar com as suas crias de um lado para o outro pode, se necessário, deslocar-se com um ovo na boca sem o partir e, embora as garras do Pai Lobo se cerrassem sobre as costas da criança, nem um dente lhe arranhara a pele quando o poisou entre os lobinhos.

— Que pequenino! E todo nu. E como é destemido! — disse a Mãe Loba numa voz doce. O bebé abria caminho entre as crias para chegar junto da pele quente. — Olha! Já está a comer com os outros. Com que então isto é uma cria de homem. Já se viu um lobo poder gabar-se de ter uma cria de homem entre os seus filhotes?

— Já ouvi falar de coisas semelhantes, mas nunca na nossa alcateia nem no meu tempo — respondeu o Pai Lobo. — Ele não tem nem um pelo e eu podia matá-lo com um toque da minha pata. Mas repara, está a olhar para mim sem medo nenhum.

O luar desapareceu da entrada do covil, tapado pela grande cabeça quadrada e pelas espáduas de Shere Khan. Tabaqui, atrás dele, guinchava:

— Majestade, majestade, ele entrou para aqui!

— É uma grande honra recebermos Shere Khan — disse o Pai Lobo, mas com um olhar encolerizado. — Que deseja Shere Khan?